

ALUSIONISMO EM BLACK MIRROR:

O USO DE REFERÊNCIAS COMO CRÍTICA SOCIAL

Lara Borges de Lima

Livia Reim Alves Dias

Melissa Regina Ribeiro

Guilherme Paulino Gonçalves

Victor Reis Mazzei

RESUMO

O objetivo desse artigo é mostrar como a série Black Mirror utiliza o alusionismo para aproximar a história do episódio ao espectador. A pesquisa empreendida foi de caráter descritivo e exploratório. O episódio que serve de objeto intitula-se Quinze milhões de méritos. Nele, verifica-se que relações entre os personagens são mediadas por avatares virtuais e, com isso, se constrói uma realidade paralela ao mundo vivido. Como base teórica, emprega-se o conceito de alusionismo de Carrascoza (2007); com suporte de Bakhtin (1997) e Fiorin (2016); para tratar da Sociedade do Espetáculo, baseia-se em Debord (2013). As alusões, em seus diferentes formatos, se configuram como ferramenta criativa para promover criticidade nos espectadores sobre situações e comportamentos que lhe são cotidianas, como as possibilidades de projeção pessoal em redes sociais digitais e o lucro por meio de propagandas obrigatórias.

Palavras-chave: Black Mirror, alusionismo, sociedade do espetáculo.

ABSTRACT

This paper aims to show how the Netflix series Black Mirror uses allusions to bring together the narrative and the viewer. The episode analysed is called Fifteen million merits. It is noticeable the relationship between the characters through virtual avatars as they set up a parallel reality alongside the real world. As theoretical approach, it is applied the allusion concept by Carrascoza (2007), supported by Bakhtin (1997) and Fiorin (2016). Society of the Spectacle is brought by Debord (2013). The allusions in its many forms are used as a creative tool to lead audience to a critical point of view about daily situations and behaviors, like the possibilities of personal projections in digital social media and profit via mandatory advertising.

Keywords: Black Mirror, allusion, society of spectacle

Introdução

Black Mirror é uma série de TV britânica de ficção científica criada por Charlie Brooker. Foi transmitida pela primeira vez pelo canal Channel 4 em dezembro de 2011, no Reino Unido, e comprada pela plataforma Netflix em setembro de 2015. A série focaliza suas narrativas no impacto do universo tecnológico na sociedade.

O episódio aqui analisado é o segundo da primeira temporada, exibido pela primeira vez em 2011, nomeado de *Quinze milhões de méritos*¹. Ele se passa em um futuro alternativo, em que um grupo de pessoas precisa pedalar diariamente em uma bicicleta ergométrica para acumular energia e ganhar uma moeda chamada méritos. Durante essas atividades físicas são introduzidas propagandas que não podem ser ignoradas sem que haja uma penalidade financeira àqueles que tentam evitá-la.

A trama tem como protagonista Bing (Daniel Kaluuya), que encontra um propósito para sua vida (monótona) após conhecer Abil (Jessica Brown Findlay). Ele, então, resolve ajudá-la a entrar em um show de talentos, como válvula de escape de suas realidades. Porém, ao cantar no programa, Abil tem sua aparência sexualizada e — em meio a pressão dos jurados e da plateia — deve escolher entre voltar a viver no anonimato ou fazer sucesso por meio da objetificação de seu corpo. Bing, decepcionado com a decisão de Abil, ameaça cometer suicídio ao vivo no programa de talentos, porém acaba sendo persuadido pelos jurados a transformar sua raiva em um produto que simula os ideais de liberdade daqueles que se sentem na mesma condição. O enredo satiriza os programas de entretenimento, os anúncios interruptivos de publicidade e a busca incessante da sociedade por status em produtos que apenas reproduzem a aparência de liberdade e individualidade.

O intuito deste artigo é mostrar como a série faz uso do alusionismo para aproximar a história do episódio ao espectador, promovendo, dessa maneira, uma crítica da sociedade contemporânea. Como suporte teórico, analisaremos o referido episódio sob a perspectiva da Sociedade do Espetáculo, conceito criado por Guy Debord na década de 1960, que explicita uma relação social entre pessoas na mídia por meio de imagens e como elas potencializam um “mundo de aparências” no sistema capitalista. Outra teoria abordada pelo artigo é o conceito de Alusionismo, definido por Covaleski (2013) como uso de referências que faz com que um público específico reconheça o assunto por meio de experiências anteriores. Também serão utilizados para a discussão conceitos dos autores Fiorin (2016) e Bakhtin (1988; 2003).

Quanto ao percurso metodológico, a pesquisa qualitativa realizada apresenta características descritivas quanto ao objetivo geral, e bibliográfica, referente aos procedimentos de coleta e fonte de informações. De acordo com Gonsalves (2001), a pesquisa descritiva trata da apresentação crítica das características do episódio analisado, enquanto a pesquisa bibliográfica permite a aproximação do autor com o tema por materiais já publicados, como livros e artigos científicos.

¹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Fifteen_Million_Merits

Nos tópicos a seguir, serão explanados os conceitos teóricos de Sociedade do Espetáculo e alusionismo, seguidos pela suas aplicações nas análises.

Sociedade do Espetáculo

A sociedade está em constante mudança; o século XXI é marcado pela expansão das tecnologias em rede. Toda grande mudança no curso da história traz discussões acerca ao modo como lidamos com novidades. Simultaneamente, há a busca por uma maneira saudável de conviver com as inovações, e aqui destacamos os sites de redes sociais que tomam palco nas relações entre indivíduos na rede.

Ao termo “sociedade do espetáculo” é atribuído uma série de definições e conceitos. Pode ser apontado como uma de suas descrições a combinação de uma sociedade da informação, junto aos modos de produção capitalista, priorizando o consumo acelerado e descartável. Porém, nos apoiaremos em Debord (2013), que define como espetáculo a relação social entre pessoas mediadas por imagens.

O espetáculo é a ideologia por excelência, porque expõe e manifesta na sua plenitude a essência de qualquer sistema ideológico: o empobrecimento, a submissão e a negação da vida real. O espetáculo é, materialmente, ‘a expressão da separação e do afastamento entre o homem e o homem’ [...] (DEBORD, 2013, p. 94).

Debord (2013) comenta que o espetáculo se descobre como uma negação da vida que se tornou visível; é fechar os olhos para o contexto em que se está inserido e viver em uma versão idealizada da realidade. Ainda comenta que o espetáculo e realidade se misturam, ao ponto da indiferenciação. Infere-se, entretanto, que o uso de máscaras sociais é anterior à Internet, e as recentes redes sociais digitais atuam como potencializadores do fenômeno. Como dizia Debord desde os anos 1960, o modelo de sociedade capitalista faz com que o consumo se iguale a valores pessoais, sobretudo a aparência.

Em tempos de redes sociais digitais nos encontramos em um estado de imersão e alienação, em que a idealização de um mundo perfeito se constrói junto a realidade. Para Sibilía (2008), a versão do “eu” que mostramos na Internet é uma manifestação renovada dos gêneros autobiográficos: é ao mesmo tempo autor, narrador e personagem, sem deixar de ser uma ficção. Um exemplo claro é a rede social Instagram, que possibilita ao usuário transmitir seu universo pessoal por meio de imagens e vídeos de maneira bem selecionada e editada. Sibilía (2008)

nos informa que é através das imagens e palavras que construímos nossa subjetividade. É possível fazer um paralelo proposto por Debord (2013) sobre o “parecer” sobrepondo o “ser” e o uso ostensivo das redes sociais digitais.

É uma ficção necessária, pois somos feitos desses relatos: eles são a matéria que nos constitui enquanto sujeito. A linguagem nos dá consistência e relevos próprios, pessoais, singulares, e a substância que resulta desses cruzamentos de narrativas se (auto)denomina eu (SIBILIA, 2008, p. 31).

Com isso, é possível perceber uma correspondência entre os acontecimentos do episódio e os pressupostos da Sociedade do Espetáculo. A jornada vivida pelos personagens Abil e Bing se encaixa como uma metáfora contemporânea da onipresença das conexões interpessoais digitais em nossas práticas cotidianas. O universo em que a trama em questão se desenrola seria uma realidade paralela, onde o entretenimento e o consumo são as atividades primordiais dos modos de vida, e inserindo o indivíduo no centro do espetáculo. No show de talentos delineado no episódio de Black Mirror, o público enxerga os personagens como objetos do mero entretenimento, feito para agradá-los, desconsiderando suas subjetividades.

Alusionismo: o uso das referências

Um produto midiático é formado a partir de diversos elementos criativos; seus autores buscam nos repertórios culturais do público elementos que expressem a mensagem do material. Esse tipo de prática é conhecida como associação de ideias ou alusionismo. Carrascoza (2007) explica que é por meio da mescla dessas referências e ideias que uma resposta ao briefing surge. Assim, compreendemos alusionismo como uma referência - seja a um filme, música, série, livro, entre outros — que auxilia na aproximação entre o consumidor e a obra por meio de seu repertório cultural. Por exemplo, quando a Apple, no comercial do *Super Bowl*² de 1984, faz referência ao livro de George Orwell chamado *1984*. Conforme Figura 1, o comercial faz alusão ao livro e ao seu concorrente da época, a empresa de tecnologia IBM, ao compará-lo com o Grande Irmão que submete as massas uniformizadas ao seu poderio mercadológico. A jovem atlética, diferente dos demais, representaria a Apple com suas inovações tecnológicas.

² Super Bowl é um jogo do campeonato da NFL, a principal liga de futebol americano dos Estados Unidos, que decide o campeão da temporada.

Figura 1 - Comercial '1984', da Apple.

Fonte: YouTube³.

O alusionismo tem suas origens por meio do movimento artístico ready-made, sobretudo, na obra do artista Marcel Duchamp. O ready-made seria a arte de realocar um objeto, atribuindo um novo significado para ele, atividade que a publicidade faz com maestria. O motivo pelo qual a publicidade tanto usa o ready-made, ou alusionismo, é que a referência facilita ao consumidor a leitura de um anúncio, uma vez que é capaz de ancorar o anúncio em alguma memória (CARRASCOZA, 2007).

Ressalvamos que o alusionismo não é uma ferramenta exclusiva à publicidade; a referenciação é uma prática comum em qualquer espaço criativo. Kristeva (2005) explica que a linguagem em si demonstra essa tendência à citação, dividindo-a em três dimensões de espaço textual: o sujeito (quem escreve), o destinatário (quem recebe) e os textos exteriores (outros conteúdos).

Para a autora, são esses elementos que estabelecem um diálogo em que o dizer pertence tanto a quem escreve quanto a quem recebe e, em meio a essa troca, encontra-se uma literatura anterior, orientando ambos os lados. Como exemplifica Bezerra (2012, p. 8), “[...] no caso do cinema e da publicidade, tanto os conteúdos do cinema podem estar presentes na publicidade, como o contrário.” Assim, compreendemos que o texto não é um ponto fixo em sua criação, mas remanescente de obras anteriores.

Ao se valer de Noël Carroll (1998), Bezerra (2012) se apropria do termo alusionismo para definir tudo aquilo usado para aludir ou citar o conteúdo, tema ou técnica utilizada em um produto. Ele explica que a referência pode encontrar-se na remontagem literal de uma cena, mas

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rgG9FC-YLLg>. Acesso em: 12/11/2019.

também na forma como alguma tarefa é executada. Carroll (1998) acredita que, em sua maioria, referências são atos propositais, e não meras bricolagens que compõem uma nova obra.

Um exemplo deste tipo de referência intencional acontece dentro da própria série *Black Mirror*. No primeiro episódio da quarta temporada chamado *USS Callister* (2017) há uma alusão direta à franquia *Star Trek*. Os figurinos, o roteiro, os cenários e as técnicas de filmagem atuam no sentido de recriar elementos da obra original, como pode ser observado na Figura 2.

Figura 2 - Comparativo entre cenas de *USS Callister* (*Black Mirror*) e *Star Trek*



Fonte: A Crítica, Netflix⁴.

Cabe trazer à discussão o conceito de dialogismo de Bakhtin (1997). Para o filósofo russo, a linguagem só pode ser entendida em direção ao outro, e o sentido, como um construto variável, que necessita de um contexto que envolva um sujeito em particular em direção a outro sujeito particular. A relação dialógica se insere entre dois sujeitos enunciantes, e se pressupõe uma linguagem como meio de expressão. Essa troca que se materializa no enunciado não ocorre necessariamente entre atores sociais face a face, mas a tessitura se constrói ao referenciar outros objetos-textos que sejam necessários para a construção do sentido. Como aponta Bakhtin (1997, p. 348),

[...] o enunciado sempre cria algo que, antes dele, nunca existira, algo novo e irreproduzível, algo que está sempre relacionado a um valor [...]. Entretanto, qualquer coisa criada se cria sempre a partir de uma coisa que é dada (a língua, o fenômeno observado na realidade, o sentimento vivido, o próprio sujeito falante, o que é já concluído em sua visão do mundo, etc.). O dado se transfigura no criado. [...] As palavras e as formas concebidas como

⁴ Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/entretenimento/news/jornada-nas-estrelas-volta-a-tv-com-nova-serie-em-2017> e <https://www.netflix.com/br/title/70264888>. Acesso em: 11/11/2019.

abreviatura ou representante de um enunciado, de uma visão do mundo, de um ponto de vista, etc., reais ou virtuais. As possibilidades e as perspectivas que estão latentes na palavra; na verdade, são infinitas.

O pensamento bakhtiniano é fundamento para autores como Fiorin (2016), que apresenta a relação dialógica da estilização, sendo esta identificada não necessariamente pelo que se lê ou vê na tela, mas pela forma como aquilo foi feito. Um exemplo de estilização acontece no primeiro episódio da primeira temporada, chamado Hino Nacional. O episódio narra o conflito do Primeiro Ministro da Inglaterra que, encurralado diante de uma grave situação, se vê limitado a duas alternativas: ater-se à sua dignidade, mesmo que, com isso, perca sua popularidade ou ceder às ameaças de um sequestrador e salvar a princesa. Apesar de não haver citações específicas, percebe-se que a forma como a história é estruturada, o movimento utilizado nas câmeras, os elementos estilísticos do roteiro, sets, figurinos, entre outros pontos, foram inspirações de filmes do gênero thriller político.

Fiorin (2016) diferencia os conceitos de citação, alusão e estilização. O primeiro pode ser entendido como a referência literal - os uniformes, os cenários, entre outros elementos no episódio USS Callister. Já a alusão acontece quando se reproduz um contexto já visto, mudando apenas algumas figuras e elementos. Um exemplo de alusão é o terceiro episódio da quinta temporada de Black Mirror chamado Rachel, Jack e Ashley Too, em que a atriz e cantora norte-americana Miley Cyrus interpreta uma pop star teen que usa uma peruca, aludindo à personagem da Disney Channel que a mesma interpretou no início de sua carreira: Hannah Montana, conforme Figura 3.

Figura 3 - Comparativo entre Ashley O, personagem de Black Mirror, e Hannah Montana, da Disney



Fonte: Vice, Entertainment Weekly⁵.

⁵ Disponível em: https://www.vice.com/en_us/article/bj9vy4/black-mirror-is-coming-back-next-month-with-miley-cyrus e <https://ew.com/article/2016/11/18/hannah-montana-marathon-disney-channel/>. Acesso em: 11/11/2019.

Com esta breve observação percebemos que o seriado *Black Mirror* busca utilizar referências como forma de gerar identificação entre mundo da história e o mundo real. Isto ajuda a criar um vínculo com o espectador, que se sente familiarizado com a trama em exibição.

Análise do episódio

No decorrer do primeiro episódio *Quinze milhões de méritos*, da segunda temporada de *Black Mirror*, os personagens percorrem um caminho narrativo no qual muitos dos elementos presentes em tela remetem a elementos da realidade por meio do alusionismo como crítica de alguns dos comportamentos apresentados na contemporaneidade. A narrativa é estilizada de modo a corresponder ao gênero cinematográfico distópico, em que a história se passa num futuro permeado pelo pessimismo.

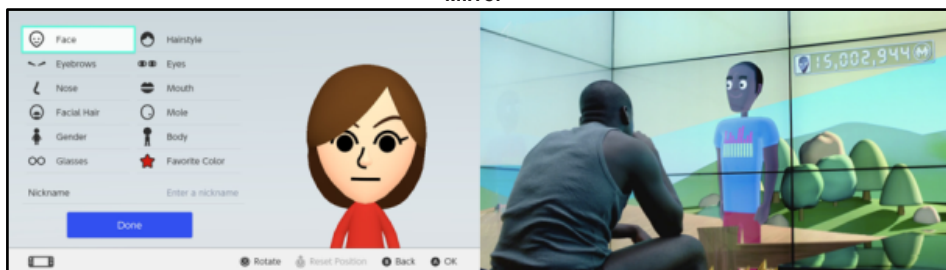
Um dos primeiros elementos do episódio são os avatares criados pelos personagens. Uma vez que estão confinados a espaços restritos (trabalho e dormitórios-cubículos), os personagens criam réplicas virtuais de si mesmos para que possam fazer atividades e se relacionarem, como passeios virtuais de bicicleta, compra de roupas e penteados e até mesmo a simulação de atos sexuais. Assim, o seriado sugere que os modos de vida correntes restringem seus participantes da liberdade por meio da ilusão da escolha e, então, seria possível fugir do binômio trabalho-casa (lidos pela ótica da monotonia da vida cotidiana) por meio do entretenimento, seja no formato de programas televisivos, como pelas redes sociais digitais.

Os avatares do seriado se aproximam aos Mii, personagens do videogame *Nintendo Wii*. Como mostra a Figura 3, é possível afirmar que o episódio faz uma alusão ao jogo, uma vez que adota algumas das características de seus avatares sem de fato reproduzi-los.

Se as relações sociais dentro do episódio se dão por meio dos avatares, tem-se a alusão da espetacularização descrita por Debord (2013) e Sibilia (2008). Do mesmo modo que são feitas escolhas de projeção nas redes virtuais de modo a engajar interações sociais, e tais escolhas nem sempre refletem a realidade, as construções realizadas pelos personagens de *Black Mirror* denotam essa inseparabilidade entre a imagem idealizada e a expectativa real no cotidiano. Como se nota na Figura 4, nota-se o isolamento cada vez maior do indivíduo.

Figura 4 - Comparativo entre avatares do vídeo game Nintendo Wii (Mii) e avatares do Black

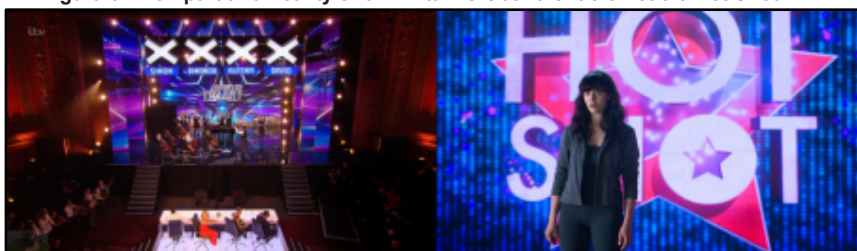
Mirror



Fonte: Journal du Geek, Netflix⁶.

Outro elemento de alusão identificada dentro do episódio é a sátira feita aos programas de reality show, em particular o concurso de talentos Britain's Got Talent. No show original, os candidatos, assim como no seriado (Figura 5), sobem em um palco e apresentam um número, na esperança de serem selecionados para a "fama". Percebe-se o uso de esquema de cores, elementos como estrelas e efeitos sonoros com o intuito de fornecer uma semelhança entre os programas de talento, conforme a referência literal descrita por Fiorin (2016).

Figura 5 - Comparativo reality show Britain's Got Talent e o fictício Hot Shot



Fonte: TellyMix, Netflix⁷.

Em Black Mirror, os roteiristas satirizam todo o espetáculo que cerca este tipo de entretenimento, desde os comerciais, que prometem a fama e o glamour, até os estereótipos incorporados pelos temidos jurados - a "bondosa", o "cruel", o "descolado" (Figura 6). Mais uma vez o seriado aponta para a falsa sensação de liberdade, pois, como mostra o decorrer da história, até mesmo aqueles que alcançam o suposto sucesso, continuam presos a uma realidade escolhida para e não por eles.

⁶ Disponível em: <https://www.journaldugeek.com/test/test-nintendo-switch/3/> e <https://www.netflix.com/br/title/70264888>. Acesso em: 11/11/2019.

⁷ Disponível em: <https://tellymix.co.uk/reality-tv/britains-got-talent/403676-britains-got-talent-2019-results-4mg-and-siobhan-phillips-make-the-final.html> e <https://www.netflix.com/br/title/70264888>. Acesso em: 11/11/2019.

Figura 6 - Comparativo jurados do reality show Britain's Got Talent e o fictício Hot Shots

Fonte: Metro, Netflix⁸.

Na parte final do episódio, Bing decide juntar a quantidade de méritos para participar do programa. Para tal, se priva de atividades de lazer, e passa a se alimentar com comidas que custam menos e assistir a todas as propagandas que recebe. Após juntar o valor necessário, Bing confronta os jurados do programa. Faz um discurso sobre o distanciamento que as tecnologias trazem para as relações físicas, ao embaralhar a linha entre o mundo material e o mundo virtual. A fala de Bing apresenta duas camadas. Na primeira, faz referência a um trecho da música cantada durante o episódio: *I have a dream* (eu tenho um sonho). Porém, também pode considerar-se uma alusão ao discurso de Martin Luther King, pois a alusão permite que o discurso seja adaptado ao seu novo contexto, diferente de uma citação literal. Dessa forma a famosa frase de Martin Luther King *If I have a dream?* [Se eu tivesse um sonho], transforma-se em *I have a dream*.

O personagem dá continuidade a um discurso similar ao de Martin Luther King ao falar sobre as desigualdades experimentadas pelas diferentes classes e como essas situações são normalizadas e espetacularizadas. Alerta ainda os jurados de suas próprias alienações no sistema que criaram. Considerando que o protagonista é o único personagem negro da trama, a alusão à Martin Luther King é reforçada através de sua liderança, como homem negro, no discurso acerca da desigualdade. Ironicamente, a reação dos jurados foi oferecer a Bing um programa, onde poderia novamente espetacularizar seus sentimentos. Dessa forma, todo o discurso de alerta é apropriado pelo sistema, transformando-o em um novo produto. Portanto, a alusão feita pelo seriado indica que por vezes a consciência do funcionamento do sistema é seguido da aceitação e integração ao status quo.

Por fim, a alusão que ganha destaque são os anúncios ininterruptos.

⁸ Disponível em: <https://metro.co.uk/2018/04/14/britains-got-talent-2018-brief-reminder-golden-buzzer-works-7467387/> e <https://www.netflix.com/br/title/70264888>. Acesso em: 11/11/2019.

Durante o episódio, as personagens são constantemente bombardeadas por anúncios, e a única maneira ignorá-los é o pagamento de uma quantia de méritos. No início do episódio, o protagonista, que possui uma grande quantia em sua conta, ignora todos os anúncios. Porém, isso muda quando perde toda a quantia acumulada para ajudar Abil. A partir de então, ele é obrigado a consumir os anúncios.

Há uma relação dialógica com os modelos de negócios adotados pelas empresas de tecnologia, como o YouTube e Spotify, que oferece acesso ao serviços livre de anúncios mediante pagamento. Há também indicação de relações mediadas por imagens na objetificação do corpo feminino nas simulações de publicidade de Black Mirror. Abil descola-se de toda subjetividade da personagem e é reduzida a apenas uma mera imagem com qual os outros personagens se relacionam a fim de obter algum prazer, mesmo que seja uma relação dialógica esvaziada.

Subentende-se que no cenário do episódio, assim como no mundo real, aqueles que possuem maior riqueza podem escolher o que e como desejam, quando aqueles com pouca, ou quase nenhuma posse, são obrigados a consumir o que lhes é entregue.

Em todo o episódio, ressalta-se o isolamento do indivíduo em meio a tantas relações mediadas pela tecnologia. Bing, mesmo após obter seu espaço na programação midiática e mesmo sendo assistido e admirado pelos que vivem naquele universo, no fim encontra-se só, isolado. Partindo das discussões sobre dialogismo em Bakhtin, a distopia de Quinze milhões de méritos, se debruça sobre valores já existentes na sociedade e, na sua representação, incorpora uma visão de mundo facilmente perceptível na contemporaneidade.

Considerações finais

O seriado em formato de episódios independentes privilegia a criatividade dos roteiristas de Black Mirror na construção de universos e narrativas. Com o eixo temático sobre o impacto da tecnologia nas relações intersubjetivas, o episódio Quinze milhões de méritos seria, então, uma hipérbole do comportamento identitário frente às redes sociais digitais: uma constante e meticulosa edição e seleção do que é colocado à disposição pública.

Há uma reiteração do dizer de Sibilia (2008) sobre a construção de uma ficção, com um “eu” ao mesmo tempo autor, narrador e protagonista. Assim, Abil e Bing, bem como todos os personagens do episódio, se projetam por meio dos avatares e dos papéis de entretenimento que ocupam na mídia daquele universo. Ao mesmo tempo, de acordo com a perspectiva de Debord (2013), esvaziam-se os

significados das relações concretas e prioriza-se seu aspecto enquanto fuga da realidade vivida; aqui cabe o entendimento do entretenimento como dispositivo de escape à realidade.

O efeito do episódio é potencializado devido às alusões que faz. A configuração das relações sob a perspectiva de Debord (2013) é uma paráfrase do comportamento adotado pela sociedade. Conforme exposto com base em Carrascoza (2007), Bakhtin (1993) e Fiorin (2016), o alusionismo se trata do uso de elementos do repertório partilhado entre criador e público na construção da mensagem. As referências ancoram os novos elementos por meio de um conhecimento prévio, que se vislumbra da citação direta à alusão, e só é entendido dentro de um contexto dialógico.

Assim, o episódio elenca alusões aos avatares do Nintendo Wii, às interações por redes sociais, o programa televisivo Britain's Got Talent, o discurso de Martin Luther King e os anúncios ininterruptos que forçam os usuários de plataformas digitais a pagarem pelo consumo de conteúdo.

Entende-se que o alusionismo, neste episódio, é uma ferramenta poderosa que aproxima a trama do episódio à vida do espectador, tal qual um espelho que reflete a realidade, como sugere o próprio nome da série. Como forma de dar prosseguimento a essa pesquisa, consideramos importante para futuros artigos também analisar os outros episódios para uma compreensão global dos possíveis efeitos das recentes tecnologias em nossas relações, bem como a inclusão de outros autores da Escola Crítica com o intuito de alcançarmos novas reflexões.

Referência

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BEZERRA, Beatriz Braga. *Narrativas Intertextuais: O Cinema da Retomada Marca a Produção Audiovisual Publicitária*. 8o. Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero: São Paulo, 2012
- CARRASCOZA, João Anzanello. **Do caos à criação publicitária: processo criativo, plágio e ready-made na publicidade**. São Paulo: Saraiva, 2007.
- COVALESKI, Rogério. **Cinema, publicidade, interfaces**. 1ª ed. Curitiba: Maxi Editora, 2009.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Edição: Livros da Revolta, 2013.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2016.
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversa sobre iniciação à pesquisa científica**. 2ª ed. Campinas: Alínea, 2001.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: A intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. 2^a ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.